



LITERATURA INFANTO-JUVENIL E LINGUAGENS DA RE-EXISTÊNCIA NAS OBRAS DO PNBE: O QUE DIZEM SOBRE ISSO?

Cristina Cristo Alcântara do Nascimento¹

Orientadora: Maria Anória de Jesus Oliveira²

RESUMO

Este artigo refere-se a uma importante etapa da pesquisa em andamento sobre temática da literatura negra infanto-juvenil e as linguagens de re-existência a partir das representações dos seus personagens. O texto tem como objetivo principal apresentar uma revisão bibliográfica, a partir do levantamento dos autores/as que já pesquisaram a respeito das obras literárias que constituem o acervo do PNBE, apresentando a visão desses pesquisadores, estabelecendo um diálogo com a pesquisa atual e oferecendo um embasamento teórico para a mesma.

Este trabalho adotará uma abordagem de cunho bibliográfico, através da apresentação de um estado da arte apontando os referenciais teóricos que constituirão a base para novos encaminhamentos dos estudos. O estudo conta com os aportes teóricos de autores como: Maria Anória J. Oliveira (2003), Daniela Galdino (2019), Maria Nazaré M. Lima (2015), Débora Cristina de Araújo(2015), Débora Oyaomi Araújo (2019), Eliane Debbus (2019), para direcionar os estudos étnico-raciais no âmbito da escola e da literatura negra infanto-juvenil e Sara da Silva Pereira (2019), como suporte aos estudos sobre os impactos da lei 10.639/03 no acervo do PNBE. Para discutir sobre letramento racial crítico e, letramento da reexistência, Ana Lúcia Souza (2011). Esperamos com este estudo identificarmos os percursos das produções literárias infanto-juvenis ao longo dos tempos e analisarmos os impactos da Lei 10.639/03 no que tange às mudanças de paradigmas observadas (ou não) obras produzidas após a sua implementação.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil; Juventude negra; Lei 10.639/03; PNBE.



INTRODUÇÃO

Identificar os percursos dos personagens negros na literatura infanto-juvenil nos acervos literários oferecidos aos alunos da escola pública em nosso país não é uma tarefa fácil, e embora esta pesquisa ainda esteja nos seus momentos iniciais, muitos pesquisadores e pesquisadoras anteriores a este momento já tem trilhado por árduos caminhos pelas fissuras que esta temática vem deixando ao longo dos tempos. Ao fazer o levantamento desses autores e autoras, dou-me conta da tamanha responsabilidade e importância de uma pesquisa deste cunho.

Primeiro porque se trata de contribuir para que chegue às/aos jovens leitores/as negros e negras uma literatura que lhes conte uma história que fora negada há gerações: a nossa própria história, como de fato foi construída e que deixa não apenas os rastros da opressão e do silêncio, mas traz as marcas da resistência, da luta de verdadeiros heróis cujas histórias foram covardemente apagadas. Mas para dar prosseguimento a tais estudos, é necessário identificar os percursos de outros e outras que por esses caminhos passaram, abrindo veredas, trilhas, passagens, para que novos filamentos possam surgir, abrindo possibilidades para que uma literatura libertadora chegue aos nossos pequenos leitores negros.

Sendo assim, este texto procura mostrar uma revisão bibliográfica resultante das minhas primeiras leituras de artigos, teses e dissertações de pesquisadoras da temática da literatura negra infanto-juvenil nos acervos do PNBE. Para isto, recorreremos basicamente ao acervo da Capes e em alguns momentos ao Google Acadêmico. O percurso metodológico para este recorte dos nossos estudos ancora-se na pesquisa de cunho bibliográfico, propondo um diálogo sobre o que as autoras dizem sobre os textos analisados e os possíveis entrelaçamentos com a nossa pesquisa em andamento.

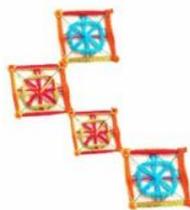


NAS TRILHAS DA PESQUISA: UMA CONVERSA NECESSÁRIA

A partir dos pressupostos teóricos levantados até o momento da pesquisa, apresentaremos um estado da arte, elencando os principais autores que pesquisaram e ainda pesquisam a respeito dos personagens negros na literatura infanto-juvenil presente nos acervos do PNBE, e a sua importância na afirmação identitária das crianças e adolescentes em idade escolar, argumentando em que sentido estas fontes estão contribuindo para a compreensão do nosso objeto.

Em sua dissertação de Mestrado, Maria Anória de Jesus Oliveira (2003) apresenta a interpretação de produções literárias publicadas entre 1979 e 1989, evidenciando a presença ou ausência de personagens negros nas obras pesquisadas, constatando se houve inovação quanto à caracterização de tais personagens, problematizando sobre essas representações e a sua influência na afirmação identitária dos seus leitores. A obra traz uma base de fundamental importância para a nossa pesquisa, pois demarca o panorama da literatura negra infanto-juvenil do final do século XX e certamente será uma importante contribuição nos estudos comparativos dos personagens negros nos últimos anos, além de contribuir com importantes eixos teóricos e estruturais que deverão sustentar meus estudos. Nessa pesquisa, a autora enaltece algumas importantes inovações quanto ao papel dos personagens negros, porém constata que a maioria das produções ainda reforçam a estereotipia e o preconceito racial.

A autora supracitada traz ainda um panorama dos percursos da literatura infanto-juvenil desde o século XVII, quando a escola foi reformulada para uma educação que auxiliasse no papel de instruir, educar as crianças da burguesia, e a literatura, representada pelo mundo do faz-de-conta, tinha o objetivo de veicular valores morais, culturais, raciais e religiosos. Segundo a autora, os textos literários eram produzidos sob uma ótica adultocêntrica. Remonta ainda o percurso da literatura lobatiana (século XX, entre os anos 20 e 75), como um divisor de águas por conta da ruptura com a cultura europeia e o resgate do folclore nacional, mostrando que, apesar do reconhecimento da importância desse autor como um marco na literatura infanto-juvenil, este representa aspectos negativos quanto à estereotipia dos personagens negros em toda a sua obra. Sobre isso, a autora afirma que



Ao aludido escritor, deveu-se o investimento nas primeiras editoras voltadas para as produções infantis e também juvenis. Ele educa o leitor por meio de sua obra, mas ao mesmo tempo o diverte e apresenta um universo imerso em fantasia, ludicidade, criatividade e aventura no *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Mas, por outro lado, há críticas quanto à estereotipia atribuída ao negro na obra de Lobato. Em especial nas *Histórias de Tia Nastácia* e em *Reinações de Narizinho*. Na primeira narrativa, a cultura popular é depreciada e o conhecimento de Tia Nastácia é associado à ignorância. Em contraposição, existe Dona Benta, que simboliza a sabedoria livresca. (OLIVEIRA, 2003; p. 44)

Quanto às obras referentes aos anos 1979 a 1989, a pesquisadora citada constata que, entre as doze obras que apresentam o personagem negro como protagonista, em dez são narradas trajetórias de personagens que carregam as marcas da pobreza e/ou preconceito racial, o que conseqüentemente traz à tona a rejeição, inferiorização e a hostilidade nos espaços em que circulam. Trata-se, portanto, de dados reveladores e de extrema importância para darmos segmento à nossa atual pesquisa.

Sobre a análise das obras literárias infanto-juvenis, a tese de Doutorado de Débora Cristina de Araújo (2015) investigou a maior política educacional de distribuição de livros a bibliotecas de escolas públicas brasileiras, o PNBE, com o objetivo de interpretar como as relações internas dentro das instituições que gestam e executam o Programa podem influenciar a composição dos seus acervos, no que se refere à diversidade étnico-racial e à qualidade literária. No tocante à análise das obras do PNBE, a autora constatou que a trajetória dos personagens negros na literatura infanto-juvenil só passou a ser representada mais positivamente a partir dos anos 2000, apesar de predominar ainda a sub-representação, levando a uma categoria de “otimismo parcimonioso”. Além disso, a pesquisa exigiu um estudo mais aprofundado sobre o critério de “qualidade literária” na escolha do acervo do PNBE, uma vez que o eixo raça não foi inserido como categoria analítica na maioria das pesquisas, o que revelou uma dificuldade ou resistência em incluir outros eixos que não o econômico como fator negativo em uma política educacional.

Ainda sobre este aspecto, Daniela Galdino (2019), em sua tese, estuda o lugar da literatura infanto-juvenil no ensino de história e cultura afro-brasileira considerando o caráter afirmativo da Lei 10.639/03 ao analisar tal política nos acervos do PNBE. Os trabalhos contribuirão com a pesquisa em andamento no sentido de apresentar



uma análise de obras literárias infanto-juvenis ofertadas pelo PNBE no período pós Lei 10639/03, identificando a sua relevância no trato das questões étnico-raciais na escola.

Em sua dissertação, Sara da Silva Pereira (2019) apresenta um importante estudo que analisou como crianças com idade entre 3 e 4 anos experienciam processos de leitura, contação e apresentação de livro animado de uma história de literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira. Embora a nossa pesquisa tenha o propósito de trabalhar com adolescentes entre 12 e 14 anos, o objetivo final da pesquisa coaduna com as ideias da pesquisadora estudada, especialmente no que se refere à prática da escuta atenta e sensível das vozes dessas crianças sobre suas inquietações e suas impressões acerca das questões identitárias.

Daniela Maria Segabinaz (2017) investiga em seu artigo as recentes publicações em que princesas negras são protagonistas nos enredos literários. Realiza uma análise comparativa entre os contos de fadas, do século XIX, e as narrativas contemporâneas, particularmente Cinderela e Chico Rei (2015), a partir de um estudo acerca dos elementos estéticos que constituem essas obras, como a originalidade das temáticas que as norteiam e os textos visuais que apresentam. Trata-se de uma contribuição de grande relevância pra esta pesquisa, uma vez que discute textos contemporâneos de temática étnico-racial, mas que trazem protagonistas que representam papéis questionáveis, levantando indagações sobre os perigos de um racismo cordial e velado dentro da literatura, que ao invés de promover uma reafirmação identitária, reforça estereótipos.

Débora Oyayomi Araújo (2017) investigou os discursos produzidos por crianças e professoras, a partir de obras literárias infantis com personagens negras. Sua pesquisa baseou-se na análise discursiva produzida por meio da articulação de três grandes eixos: a literatura infantil presente no espaço escolar, a sua utilização em aulas e as relações raciais. A autora destaca a importância da formação de professores para a efetivação da aplicação da Lei 10639/03, ao constatar em sua pesquisa a falta de conhecimento e até as discordâncias reveladas nos relatos dos próprios educadores. Sobre isso, ela enfatiza que:

O desconhecimento dos motivos que levaram à aprovação de uma lei com tal perspectiva, associado ao racismo (in) consciente acaba por gerar manifestações contrárias que prejudicam a efetiva implementação da Lei. Dentre as resistências, impera o discurso: “por que não se fala também



da história dos italianos, dos japoneses, dos alemães, etc.” (...) É nesse sentido que se torna imprescindível que discussões mais aprofundadas sobre as relações raciais na escola passem a fazer parte da formação de professoras e professores, com vistas a uma reformulação na prática docente, para além do currículo. (ARAÚJO, 2017; p.79)

A autora chama a atenção ainda para o papel da escola, por ser capaz de exercer influência sobre a formação identitária as crianças e jovens que nela estão inseridos e por isso tem também a responsabilidade de combater toda forma de discriminação no ambiente escolar. Esse trabalho, construído a partir das experiências do chão da escola, contribuirá para a pesquisa em andamento, pois investiga justamente as desigualdades na caracterização das personagens negras em relação às brancas, o que faz da literatura um dos maiores fomentadores do preconceito racial no Brasil.

Para tratar dos aspectos relacionados aos letramentos identitários, contaremos com os aportes teóricos de autores como Ana Lúcia Silva Souza (2011) que aponta uma importante reflexão sobre letramentos, identidades, cultura da juventude, com destaque para a juventude negra e o movimento *hip-hop* como agência de letramento fora da escola, mas apontando uma possibilidade de articulação com o letramento que se tenta fazer dentro dela. A autora salienta a importância de contribuir para a compreensão das singularidades que informam o desenvolvimento de práticas sociais dos usos da língua, em contextos não escolares, tornando esses sujeitos agentes comunitários de letramento.

Segundo seus estudos, esse movimento cria um espaço fértil para tais práticas, pois

Para muitos ativistas, o *hip-hop* mostra-se como espaço de produção cultural e política em que uma série de práticas de uso social da linguagem são mobilizadas em função de suas necessidades. (...) Tais práticas de letramentos estão voltadas para a concretude da vida dos ativistas, relacionando-se às questões culturais e políticas e visando, de alguma maneira, ampliar suas possibilidades de inserção em um lugar de crítica, contestação e de subversão, no qual, como sujeitos de direitos e produtores de conhecimentos, possam forjar espaços e atuar dentro e fora da comunidade em que vivem. (SOUZA, 2011.p.16-17)

Fazer-se ouvir as vozes das margens, tornando os/as jovens agentes dos letramentos de reexistência é uma das metas do nosso trabalho em construção. Deste modo, os estudos da autora supracitada serão basilares para avaliarmos os nossos sujeitos de pesquisa, uma vez que trataremos da busca da sua afirmação identitária a partir da



leitura literária, levando em consideração os seus letramentos sociais e as suas identidades raciais em re/construção.

A partir da necessidade de um olhar atento e cuidadosos para as obras que versavam sobre a temática étnico-racial, Eliane Debus (2017) estudou títulos disponíveis no mercado editorial que apresentam a temática da cultura africana e afro-brasileira, a fim de mapear e dar visibilidade a tais produções, a partir da crença de que a literatura é capaz de nos fazer refletir sobre as práticas antirracistas em todos os espaços socioeducativos. Centrou-se em quatro escritores brasileiros, a saber: Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Braz e georgina Martins. Tais escritores foram eleitos como referência pela discussão da temática africana e afro-brasileira presente em seus textos mesmo antes da implementação da Lei 10639/03. Antes, porém, a autora preocupa-se em destacar as funções do texto literário para a infância e os efeitos que o mesmo pode provocar nos seus pequenos leitores:

A palavra ficcional arrebatava o leitor para um tempo e espaço que não são os seus. Desse modo, ele experienciava um viver distante do seu, ao mesmo tempo que tão próximo, e, ao voltar desse encontro ficcional, já não é o mesmo; ele é capaz de reconfigurar o seu viver. Se ler o outro e sobre o outro tem importância fundamental na formação leitora do indivíduo, o contato com textos literários, que apresentam personagens em diferentes contextos, ou a existência de escritores oriundos de diferentes contextos permite uma visão ampliada do mundo. Desse modo, a literatura negra ou afro-brasileira e/ou a temática da cultura africana e afro-brasileira se faz imprescindível, sabendo, de antemão, que não é uma tarefa fácil. (DEBUS, 2017. p.29)

A contribuição dessa leitura é fundamental para identificar avanços e retrocessos da produção literária nacional de temática africana e afro-brasileira, sinalizando nas obras estudadas a presença de uma literatura que já traz uma visão decolonial dos seus personagens negros, promovendo a quebra de estereótipos e a afirmação das suas identidades, muito embora se saiba que os avanços nesse quesito ainda estão longe de serem suficientes para uma mudança dos paradigmas historicamente instituídos na sociedade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como a maioria dos projetos, este fora surpreendido, em pleno início do trabalho de campo, pela pandemia do Coronavírus. Inevitável mencionar, este evento tem trazido marcas talvez irreparáveis para uma grande parcela do nosso povo, em especial aos subalternizados, aqueles que conhecem muito bem o que é viver em isolamento. E como não trazer esse assunto para o cenário da pesquisa, que tem a sua razão no protagonismo da juventude negra de uma escola pública do interior baiano? Como voltar á biblioteca da escola para continuar o levantamento dos livros ofertados pelo PNBE, sob a sombra ameaçadora de um possível contágio? Ainda que a tecnologia esteja sendo um poderoso aliado nesse momento, ao mesmo tempo tem escancarado ainda mais a vulnerabilidade em que os nossos pequenos leitores vivem.

Logo, é impossível fazer qualquer consideração a respeito da nossa pesquisa, sem antes evidenciar uma preocupação que é de todos, mas que afeta impiedosamente os nossos parceiros de pesquisa, os nossos estudantes leitores, cuja luta agora é para não morrer. Se não pelo contágio, pela fome, pelo abandono, pela invisibilidade. Ameaças que não são de todo estranhas para a grande maioria do nosso povo.

Mas se por um lado o panorama atual angustia, levanta incertezas, como pesquisadora penso que os desequilíbrios provocados por esse turbilhão de novidades, precisam soar como mais um desafio, uma provocação para se pensar nas saídas, nos dispositivos de resistência e reexistência. Então, é preciso reerguer-se, buscando a motivação e recriando possibilidades. Começo por ver muita motivação nos referenciais teóricos aqui apresentados, pois a partir deles conseguimos vislumbrar novas possibilidades, ainda que diante da grandeza desses estudiosos e estudiosas eu ainda seja um grão de areia. Percebo nesta etapa da pesquisa, o quão imprevisível é o nosso objeto. E concluo que, de fato, quem conduz a pesquisa não são os teóricos, tampouco os pesquisadores, mas os/as pesquisados/as. Estes sim, são os protagonistas.

O levantamento bibliográfico dos teóricos, assim como a literatura infanto-juvenil levantada até o momento, embora ainda careçam de muito mais pesquisa, tem sido



uma fonte que me alimenta e me impele a continuar. Os estudiosos que antecedem esta pesquisa trazem contribuições indispensáveis para o prosseguir de novos estudos, através das trilhas abertas, das veredas que se colocam à nossa frente nos convidando a seguir. Esperamos com este trabalho, contribuirmos para a continuidade dessas trilhas, identificando os percursos das produções literárias infanto-juvenis ao longo dos tempos e analisando os impactos da Lei 10.639/03 no que tange às mudanças de paradigmas observadas (ou não) obras produzidas após a sua implementação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Débora Oyayomi. **Personagens negros na literatura infantil: o que dizem as crianças e as professoras.** Curitiba. CRV, 2017.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Braz, Georgina Martins.** Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

NASCIMENTO, Daniela Galdino. **O terceiro espaço: confluências entre a literatura infanto-juvenil e a lei 10.639/03.** Orientadora: Prof.^a Dr.^a Florentina da Silva Souza. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Centro de Estudos Afro- Orientais, 2019.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Negros personagens nas narrativas infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989.** Dissertação de mestrado em Educação, Programa de Pós Graduação em Letras da UNEB. 2003.

_____(2008). **Literatura afro-brasileira infanto-juvenil: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros.** In: Congresso internacional da ABRALIC, XI, USP-São Paulo. 2008.



_____. (2010). **Personagens negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique (2000-2007): entrelaçadas vozes tecendo negritudes**. João Pessoa: [s.n.], 2010. (Tese de Doutorado. Orientador: José Helder Pinheiro Alves)

PEREIRA, Sara da Silva. **A Literatura Infantil de temática africana e afro-brasileira: com a palavra as crianças: “eu so peta, tenho cacho, so linda, ó!”**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

SEGABINAZI, D.M.; SOUZA, R.J.. **As princesas africanas na literatura infantil: do branqueamento silenciador ao protagonismo questionável**. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/28039/20674>

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip- Hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.